



3195 - Pôster - XIV ANPED-CO (2018)
GT 20 - Psicologia da Educação

As redes sociais na internet e a constituição da subjetividade

Jeison da Silva Moraes - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Juliana de Castro Chaves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Resumo

Esse trabalho expõe alguns debates que estão em processo no projeto de Mestrado "Subjetividade do professor universitário e as redes sociais". O objetivo desse trabalho é problematizar a relação entre redes sociais e a constituição da subjetividade a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Para isso foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando as palavras-chave: redes sociais; indústria cultural; sujeito; internet e teoria crítica. Os resultados da pesquisa apontam que a subjetividade é permeada por uma noção de temporalidade e de espacialidade que permeia a sociedade contemporânea, que auxiliam os movimentos sociais dos jovens e que são tratadas como inevitáveis e importantes para a aprendizagem. Percebemos também a necessidade de ampliar os estudos sobre a relação entre rede social e a constituição da subjetividade do professor.

Palavras-chave: Redes Sociais; Indústria Cultural; Internet; Subjetividade.

As redes sociais na internet e a constituição da subjetividade

As reflexões acerca da relação entre indivíduo, sociedade e cultura auxiliam o entendimento da constituição da subjetividade. O indivíduo como ser social, só pode ser em sociedade, em um processo dinâmico constituído historicamente (RESENDE, 2007). As concepções de indivíduo e de sociedade, bem como suas respectivas materializações históricas surgem com a modernidade, na esteira do avanço da produção industrial, que faz com que os sujeitos se aglomerem em centros urbanos podendo ao mesmo tempo se isolar em sociedade.

A relação entre indivíduo e sociedade é indissolúvel e não pode ser pensada de maneira dicotômica, pois "a vida humana é, essencialmente e não por mera casualidade, convivência" (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 47), ou seja, a vida humana é essencialmente convívio devido ao fato de o indivíduo ser um ser social constituído e parte constituinte da sociedade e, sendo assim, é dependente das relações humanas para se conceber enquanto tal.

Assim como o homem, a subjetividade sempre esteve presente na história, na realidade objetiva, e estando presente desde sempre na história, a subjetividade se configura frente às relações sociais estabelecidas de acordo com a particularidade histórica à qual o indivíduo está inserido. Sendo assim, compreender os mecanismos subjetivos em uma relação objetiva bastante atual que são as redes sociais digitais se torna fundamental.

Pode-se afirmar que as redes sociais estabelecidas na internet se constituem na indústria cultural e se materializam na particularidade histórica contemporânea. A indústria cultural, que é caracterizada pela

relação de vários veículos de comunicação, tais como rádio, cinema, televisão e internet estabelecem uma lógica padronizada e empobrecida dos produtos culturais de forma sincronizada, realizando um processo de massificação da cultura. Ao produzir e reproduzir os interesses do capital, indústria cultural é uma instância de socialização que produz o sujeito, que se deixa envolver ou adere.

Essa indústria produz bens materiais, sonhos, idéias e formas de se relacionar, e oferece a possibilidade de realização no consumo de produtos. Duarte (2008) afirma que hoje mais do que quando Horkheimer e Adorno estudaram, a indústria cultural é um grande monopólio, inclusive podendo ser mais importante do que a indústria química, têxtil etc. Talvez por isso que Maar (2008) afirma que é necessário escovar a contrapelo essa realidade.

Para Silva (2010), a indústria cultural propaga o estereótipo em detrimento do pensamento e os clichês ao invés da ação autônoma. Nesse sentido, a totalização social capitalista constitui uma subjetividade reificada e dificulta a alteridade. Nos estudos observa-se que as redes sociais digitais auxiliam as atuais formas de mobilização política e cívica da juventude, ou seja, os movimentos sociais, e que o Facebook assume o protagonismo nas redes (SIMÕES e CAMPOS, 2016).

Existe também a afirmação de que a indústria cultural carrega uma temporalidade que subjaz e dá sentido a experiência, à configuração da subjetividade, à política e à vida cotidiana de um modo predominantemente inconsciente, não problematizado, não imediatamente visível. Nesse sentido, aponta-se uma articulação entre aceleração tecnológica, mudança social e ritmos de vida e se ressalta que a tecnologia, a ciência e o progresso, que deviam produzir maior tempo livre, não realiza essa promessa, se contrapondo ao otimismo, a melhoria das condições objetivas de vida dos homens e ao bem-estar. Há, no entanto, o aumento das atividades com a aceleração do tempo oferecendo bases para o empobrecimento da experiência (MAIA, 2017).

Ferreira (2017) afirma que a organização social do trabalho intelectual do docente do magistério superior é atravessado por tecnologias tais como *e-mail*, *Facebook* e *WhatsApp* que possibilitam a permanente conexão entre os docentes. Características como percepção acelerada do tempo, rompimento total da distinção entre tempo livre e tempo para as atividades laborais, entre local e não local destinado ao trabalho do “trabalhador(a) *online*”, são algumas das características que surgem nessa dinâmica.

Antunes (2017) pondera que a literatura sociológica/filosófica costuma apresentar a definição de “digital” em contraposição à de “analógico”, de modo a evidenciar a eficácia e a complexidade de uma lógica mediadora das relações sociais contemporâneas que se tornou não a única, mas a hegemônica após a chegada dos computadores e da internet.

Para Dalbosco (2015), não existe mais a possibilidade de se imaginar pessoas que vivam desconectadas virtualmente. Os professores universitários também não abririam mão de seus correios eletrônicos ou do diálogo em comunidades virtuais, devido ao fato de a sociedade digital estar presente no cotidiano e em todas as instâncias, o que acaba por parecer ser inevitável o uso da internet no processo de aprendizagem escolar no contexto atual. Nesse contexto, considera-se que o desafio consiste em buscar o uso adequado da tecnologia digital no sentido propiciar que as pessoas pensem por conta própria.

Costa (2010) aponta para a resignificação do que seja convivência social, forma de conhecimento e identidade. Para ele, o suporte de comunicação e as descobertas relacionadas aos processos de produção, difusão e de recepção de conteúdos interpelam historicamente as transformações das condições de sensorialidade e de inteligência. Também considera a contradição entre conexão e dessensibilidade na era digital, de modo que a par de cada vez mais conectados virtualmente, os indivíduos se perdem a condição de sensível, de humanidade.

Fala-se também numa nova temporalidade com repercussões psicossociais ligadas a regulação do tempo livre como forma de dominação social, a partir de duas perspectivas: a cultura do consumo, que ao transformar o tempo livre em objeto de consumo fetichizado integra o sujeito à lógica produtivista do trabalho, e o desenvolvimento e a miniaturização das tecnologias digitais que, convertidas em próteses humanas, modelos eletrônicos cada vez menores e com tecnologia avançada, transformam o homem num receptáculo, sem mediações, de todas as demandas sociais, econômicas e culturais (SEVERIANO, 2017).

Percebe-se que por mais que a promessa das tecnologias digitais, da ciência e do progresso seja a de

facilitar a convivência social, isso não se realizou devido ao fato de o tempo livre, na sociedade capitalista, ser usado como forma de dominação social. Nesse sentido, as redes sociais não deixam de estar sujeitas aos ditames do capital, o que acaba por ser tributária de uma certa subjetividade (SEVERIANO, 2017).

Após estudos preliminares constatamos que é importante aprofundar a concepção de rede social, principalmente no que diz respeito ao mundo digital, como também ampliar a pesquisa bibliográfica no sentido de entender melhor a vinculação da rede social com a subjetividade do professor, objeto a ser estudado na dissertação, para além da questão da temporalidade e auxiliar na aprendizagem, como já foi constatado. Quem sabe encontraremos outros elementos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. W. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

ANTUNES, Deborah Christina. **Reflexões sobre o mundo digital e subjetividade**. In: Revista Impulso, Piracicaba – São Paulo. v. 27(69), 13-24, maio-ago. 2017.

COSTA, Belarmino César Guimarães. **Comunicação e educação na era digital**: reflexões sobre estética e virtualização. In: Revista Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, v. 7, n. 19, p. 87-103, julho. 2010.

DALBOSCO, Claudio A. **Formação humana na sociedade digital**. In: Teoria crítica da cultura digital: aspectos educacionais e psicológicos / organização Ari Fernando Maia, Antônio Soares Zuin, Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória. – 1. ed. – São Paulo: Nankin, 2015.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural hoje**. In: A indústria cultural hoje/ organização Fábio Akcelrud Durão, Antônio Zuin,-Alexandre Fernandez Vaz. – São Paulo: Boitempo, 2008.

FERREIRA, Isabella Fernanda. **O(a) intelectual em tempos de internet**: a ética do(a) trabalhador(a) *online*. In: Revista Impulso, Piracicaba – São Paulo. v. 27(69), 133-150, maio-ago. 2017.

HORKHEIMAR, Max; ADORNO, Theodor. W, (org.), **Temas básicos da sociologia**. tradução Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade em São Paulo, 1973.

MAAR, Wolfgang Leo. **Prefácio**. In: A indústria cultural hoje/ organização Fabio Akcelrud, Antônio Zuin,- Alexandre Fernandez Vaz. – São Paulo : Boitempo, 2008.

MAIA, Ari Fernando. **Aceleração**: reflexões sobre o tempo na cultura digital. In: Revista Impulso, Piracicaba – São Paulo. v. 27(69), 121-132, maio-ago, 2017.

RESENDE, Anita C. Azevedo. **Da relação indivíduo e sociedade**. In: Revista Educativa PUC, Goiânia, v.10, n.1, p. 29-45, jan./jun. 2007.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Aceleração social e cultura digital** novas formas de dominação. In: Revista Comunicações, Piracicaba - São Paulo. v. 24 n. 2 p. 83-101 maio-agosto, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23° ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Alex Sander da. **Vicissitudes da indústria cultural em tempos de globalização**. In: Revista de Ciências Humanas, Florianópolis – Santa Catarina, v. 44, n. 2, p. 331-341, outubro, 2010.

SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. **Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise**. In: Revista Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 130-150, set./dez, 2016.